

BOLETIM DE CONJUNTURA

81

2015

2º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

No segundo trimestre de 2015, a carteira de encomendas e a produção da indústria portuguesa de calçado evoluíram de forma positiva, nomeadamente entre as empresas de pequena e média dimensão. Os preços e o emprego permaneceram estáveis, de acordo com a opinião quase unânime dos inquiridos. Globalmente, as empresas consideram o estado dos negócios satisfatório mas inferior ao registado um ano antes. A insuficiência de encomendas do estrangeiro é a limitação à atividade que mais preocupa a indústria mas o preço das matérias-primas e a escassez de mão-de-obra qualificada recebem um número crescente de referências.

A maioria das empresas acredita que o terceiro trimestre não será muito diferente do que agora terminou mas as que receiam uma degradação da conjuntura são mais do que as que confiam na sua melhoria, apesar das previsões relativamente otimistas para a economia portuguesa e europeia.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

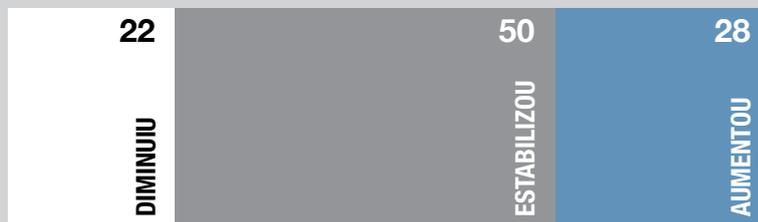
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

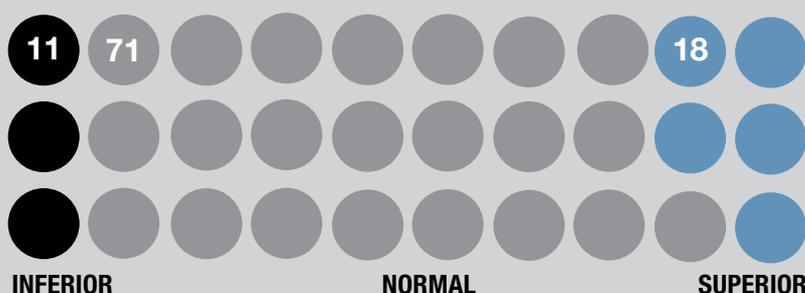
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Depois de dois trimestres em que se verificou o oposto, no segundo trimestre de 2015 as empresas que registaram um aumento da produção excederam as que sofreram uma diminuição, gerando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) positivo de 6 pontos percentuais (p.p.), em linha com as previsões formuladas no período anterior. A evolução da produção foi mais favorável entre as empresas de pequena e média dimensão, entre as mais orientadas para os mercados externos e entre as que têm menor peso da coleção própria nas vendas.



Utilização da Capacidade



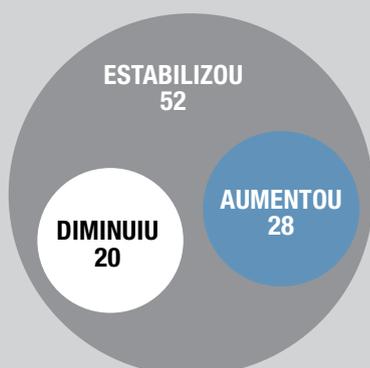
Quase três em cada quatro empresas inquiridas (71%) afirmam que a utilização da sua capacidade produtiva é normal para a época do ano. O saldo de respostas extremas melhorou acentuadamente face ao trimestre anterior, passando de -28 p.p. para apenas -7 p.p., mas as empresas que dizem que a utilização da capacidade está abaixo do normal continuam a ser mais do que as que afirmam o contrário.

Carteira de Encomendas

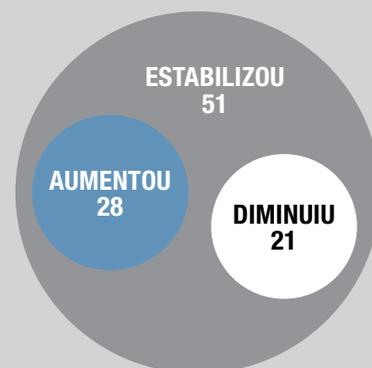
Também a carteira global de encomendas registou uma recuperação, passando de um s.r.e. negativo de -19 p.p., no primeiro trimestre, para +8 p.p., no segundo, correspondendo às previsões. Tal como a nível da produção, a evolução das encomendas foi igualmente mais favorável entre as empresas mais pequenas e com menor peso da coleção própria nas vendas.

As respostas relativas às encomendas do estrangeiro são praticamente idênticas: a maioria das empresas (51%) diz que, no segundo trimestre, a carteira de encomendas permaneceu estável e, entre as restantes, as que afirmam que aumentou superaram em 7 p.p. as que consideram que diminuiu.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



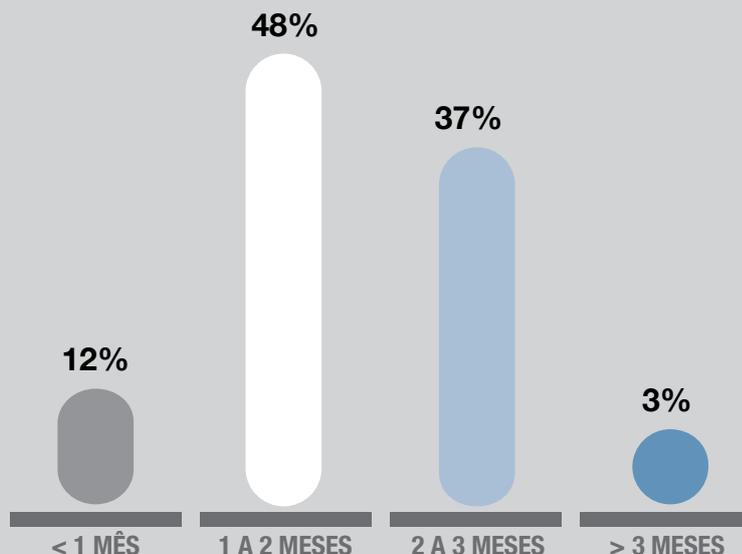
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

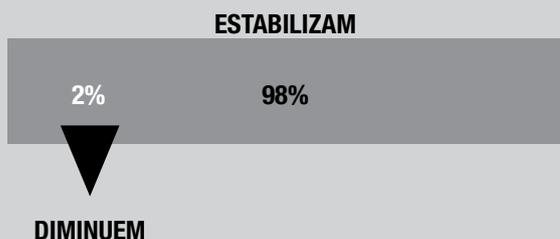
A indústria apresenta garantias de um nível interessante de atividade para os próximos meses: quase metade dos inquiridos (48%) afirmam que a carteira de encomendas lhes assegura 1 a 2 meses de produção e um pouco mais de um terço (37%) dizem mesmo ter atividade garantida para 2 a 3 meses. Verificou-se, no entanto, uma quebra na percentagem de empresas que têm encomendas para mais de 3 meses, que é agora de apenas 3%. Os poucos casos em que assim acontece são de empresas que vendem exclusivamente coleção própria para o mercado externo.



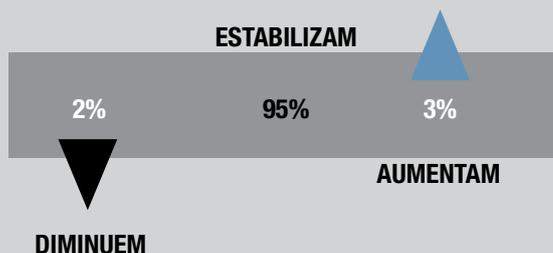
Preços

Os inquiridos afirmam de forma quase unânime que, no segundo trimestre, os preços em Portugal permaneceram estáveis: apenas 2% das empresas, todas de pequena dimensão, dizem que os preços desceram. Quanto aos preços no estrangeiro, a percentagem de empresas que dizem que os preços estão estáveis é apenas ligeiramente menor (95%), sendo as que declaram que os preços subiram ligeiramente mais (s.r.e. +1 p.p.) do que as que afirmam que diminuíram.

EM PORTUGAL



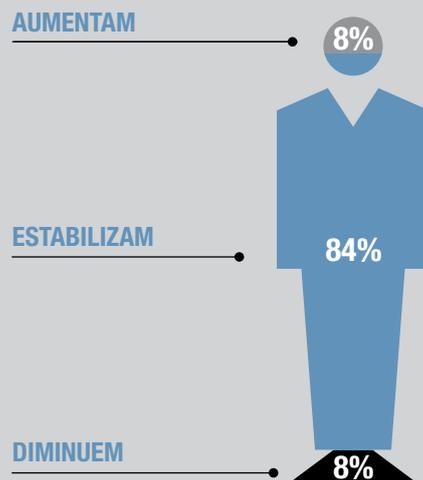
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

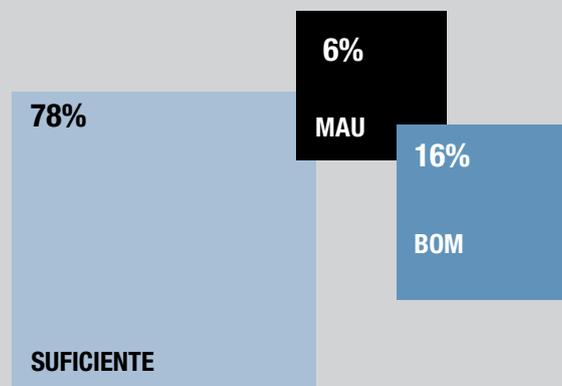
O nível de emprego na indústria de calçado encontra-se estabilizado: 84% das empresas declaram que não alteraram o número de pessoas ao seu serviço e, entre as restantes, as que afirmam que o emprego aumentou são em número exatamente igual ao das que dizem que diminuiu, contrariando as expectativas negativas que os inquiridos tinham formulado no primeiro trimestre.



Estado dos negócios

Refletindo a recuperação da produção e das encomendas, também a apreciação que as empresas fazem quanto à conjuntura melhorou em relação ao trimestre anterior: 78% dos inquiridos dizem que o estado dos negócios é suficiente e os que pensam que é bom superam em 10 p.p. os que entendem que é mau, apesar da previsão de sentido negativo formulada no trimestre anterior.

Quando comparam a situação no período agora terminado com a que se verificava no segundo trimestre de 2014, os inquiridos que dizem que o estado dos negócios piorou excedem em 6 pontos percentuais os que afirmam que melhorou. Dois terços das empresas consideram, no entanto, que a situação permanece sensivelmente inalterada.



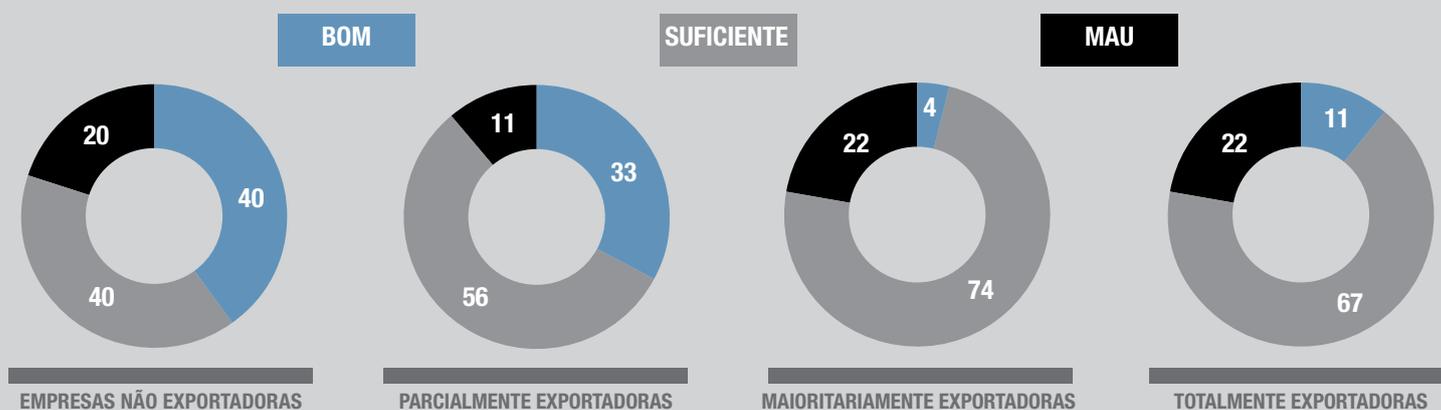
PERÍODO HOMÓLOGO



1.1. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

Em geral, as empresas inquiridas consideram que o estado atual dos negócios é, pelo menos, suficiente. Entre os três critérios de segmentação utilizados (dimensão, vocação exportadora e peso da coleção própria nas vendas), o único saldo de respostas extremas negativo verifica-se para as empresas que vendem entre 50 % e 90% de coleção

própria. As empresas orientadas predominantemente para o mercado português estão mais satisfeitas quanto à evolução do estado dos negócios do segundo trimestre de 2014 para o de 2015 do que as que vendem sobretudo para os mercados externos.



Limitações à produção

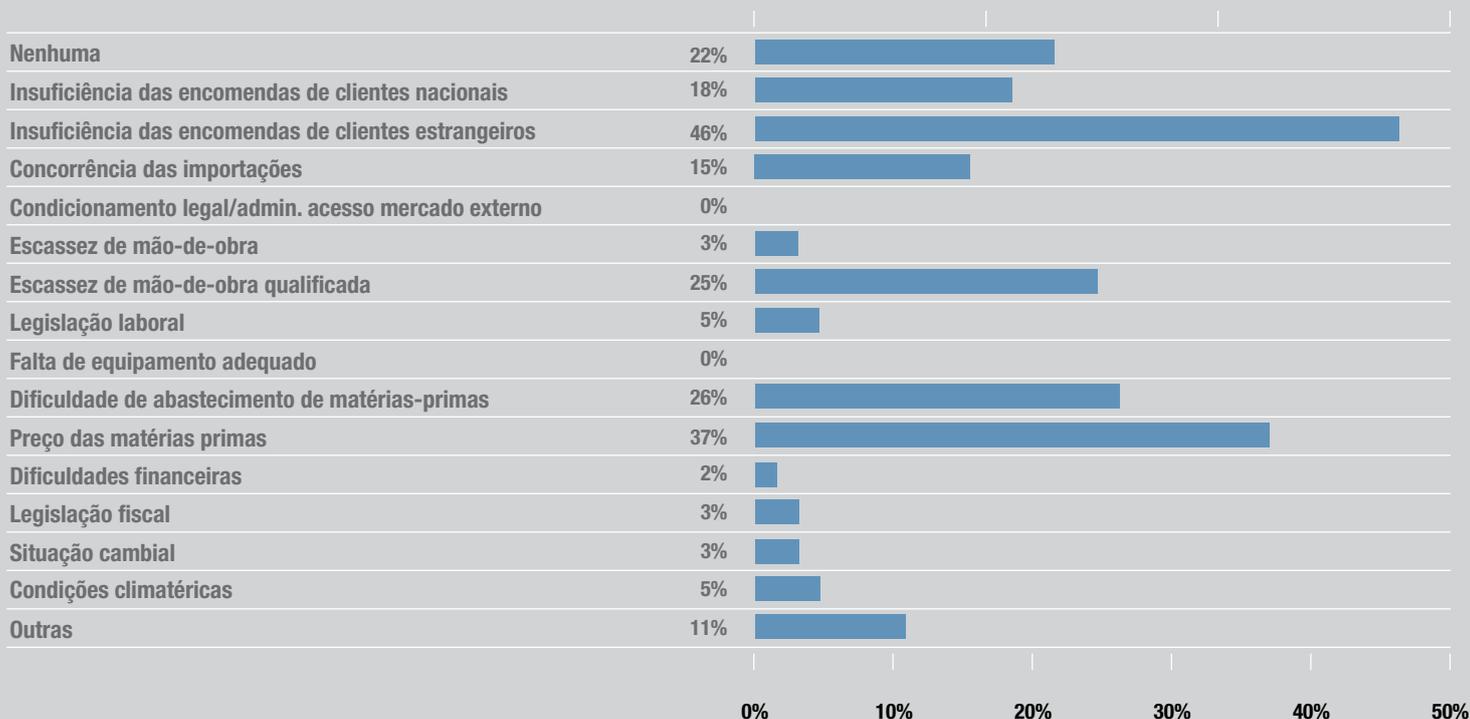
Correspondendo ao reforço da carteira de encomendas acima assinalado, o número de empresas que enfrentam dificuldades de mercado diminuiu em relação ao trimestre anterior. Ainda assim, a dificuldade mais frequente é a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, mencionada por 46% dos inquiridos. A insuficiência de encomendas de clientes nacionais e a concorrência de importações continuam a perder relevo entre as preocupações da indústria portuguesa de calçado, sendo agora referidas por apenas 18% e 15% das empresas, respetivamente.

Em contrapartida, acentuaram-se as limitações relacionadas com alguns fatores de produção, como é habitual em períodos de retoma da atividade. O preço das matérias-primas é o segundo problema mais mencionado (37% das

empresas), seguido das dificuldades de abastecimento de matérias-primas (26%). A escassez de mão-de-obra qualificada merece quase o mesmo número de referências (25%) mas a escassez de mão-de-obra (3%), em geral, não figura entre as principais limitações à atividade. As empresas também não referem a falta de equipamento (0%). O preço das matérias-primas e a escassez de mão-de-obra qualificada preocupam sobretudo as empresas mais orientadas para os mercados externos.

As referências a outras limitações são escassas: 5% das empresas referem-se à legislação laboral e às condições climatéricas e só 3% à legislação fiscal e à situação cambial. Onze por cento dos inquiridos declaram enfrentar “outras” limitações não especificadas.

Apesar da evolução favorável da conjuntura, o número de empresas que afirmam não sentir nenhuma limitação à sua atividade diminuiu para 22% mas a percentagem das que sentem dificuldades financeiras mantém-se muito baixa (2%).



Tendências da produção

Quase três em cada quatro empresas (72%) acreditam que o nível de produção no terceiro trimestre não se alterará. No entanto, são mais as que pensam que diminuirá do que as que acreditam no oposto, gerando um saldo de respostas extremas de -6 p.p. Este saldo é bastante

mais negativo entre as empresas de maior dimensão e entre as mais orientadas para os mercados externos, não apresentando relação com a proporção de coleção própria nas vendas.

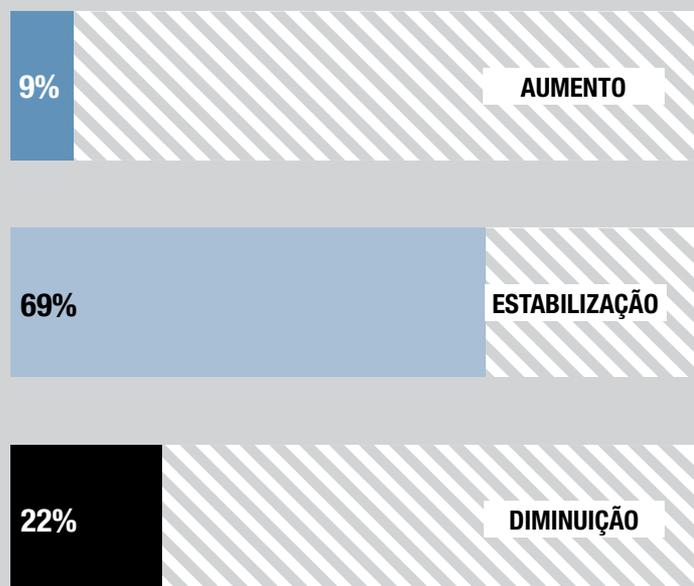


Perspectivas de encomendas

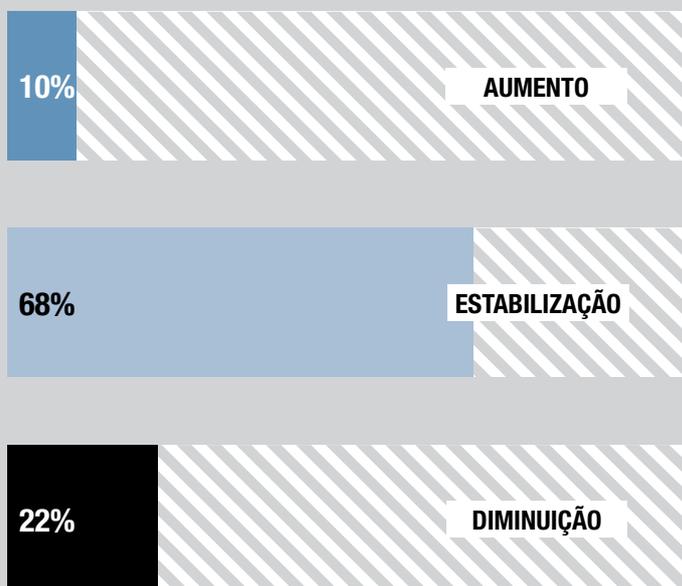
Embora 69% das empresas prevejam que a sua carteira global de encomendas permaneça inalterada, as previsões de sentido negativo excedem em 13 p.p. as de sentido oposto. As expectativas relativas à carteira de encomendas do estrangeiro são praticamente

idênticas. Tal como para a produção, as previsões são tendencialmente mais negativas entre as empresas de maior dimensão. As empresas exclusivamente dedicadas ao mercado nacional desviam-se positivamente da opinião geral, apresentando um s.r.e. nulo.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

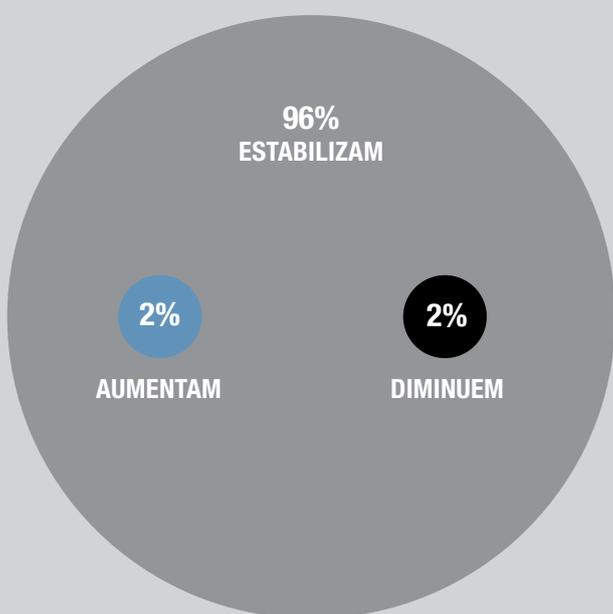


Perspetivas de preços de venda

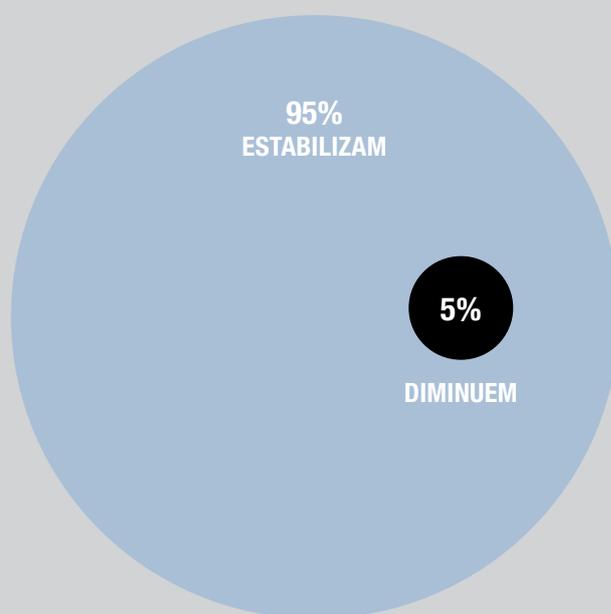
A previsão de estabilidade dos preços é quase consensual, sendo avançada por 96% das empresas relativamente ao mercado português e por 95% no que respeita aos mercados externos. Relativamente a Portugal, a esta previsão é reforçada pelo saldo nulo entre os inquiridos que acreditam num aumento e numa

diminuição de preços. Já quanto aos mercados externos, nenhuma empresa prevê o aumento de preços, havendo 5% que acreditam na sua diminuição. As previsões de diminuição de preços proveem exclusivamente de empresas sem coleção própria.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

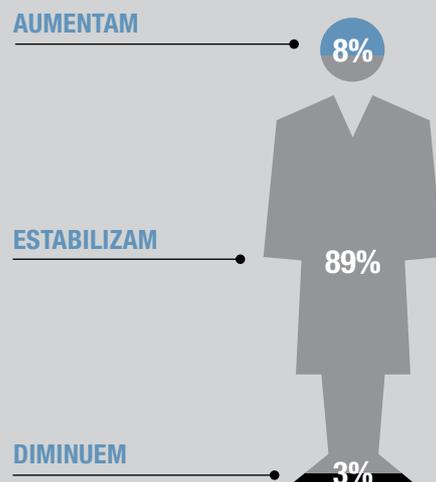


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

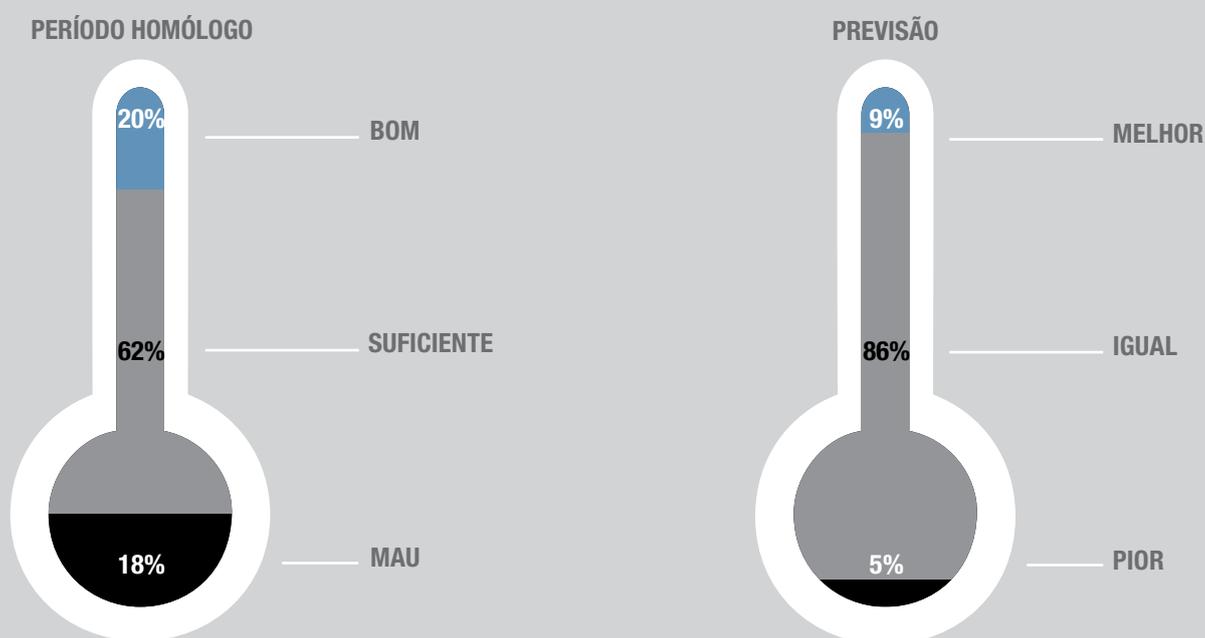
As previsões relativas ao emprego retomam a tendência positiva interrompida nos dois trimestres anteriores: as empresas que preveem o aumento do número de pessoas ao seu serviço excedem em 5 p.p. as que esperam a sua diminuição. As previsões são mais favoráveis entre as empresas com menor peso da coleção própria nas vendas. A larga maioria dos inquiridos (89%) acredita, no entanto, que o nível de emprego permanecerá inalterado.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

Também as previsões relativas ao estado dos negócios são de sentido positivo, com um saldo de respostas extremas de +4 p.p., depois da previsão negativa formulada no trimestre anterior, a única nos últimos dois anos e meio. Mas a larga maioria das empresas (86%) consideram que o estado dos negócios será suficiente.

As opiniões são mais repartidas quanto à comparação entre o próximo trimestre e o 3º trimestre do ano anterior: o s.r.e. é semelhante (+2 p.p.) mas os inquiridos que acreditam que a situação permanecerá inalterada são apenas 62%, repartindo-se os restantes entre as opções de melhor e pior.



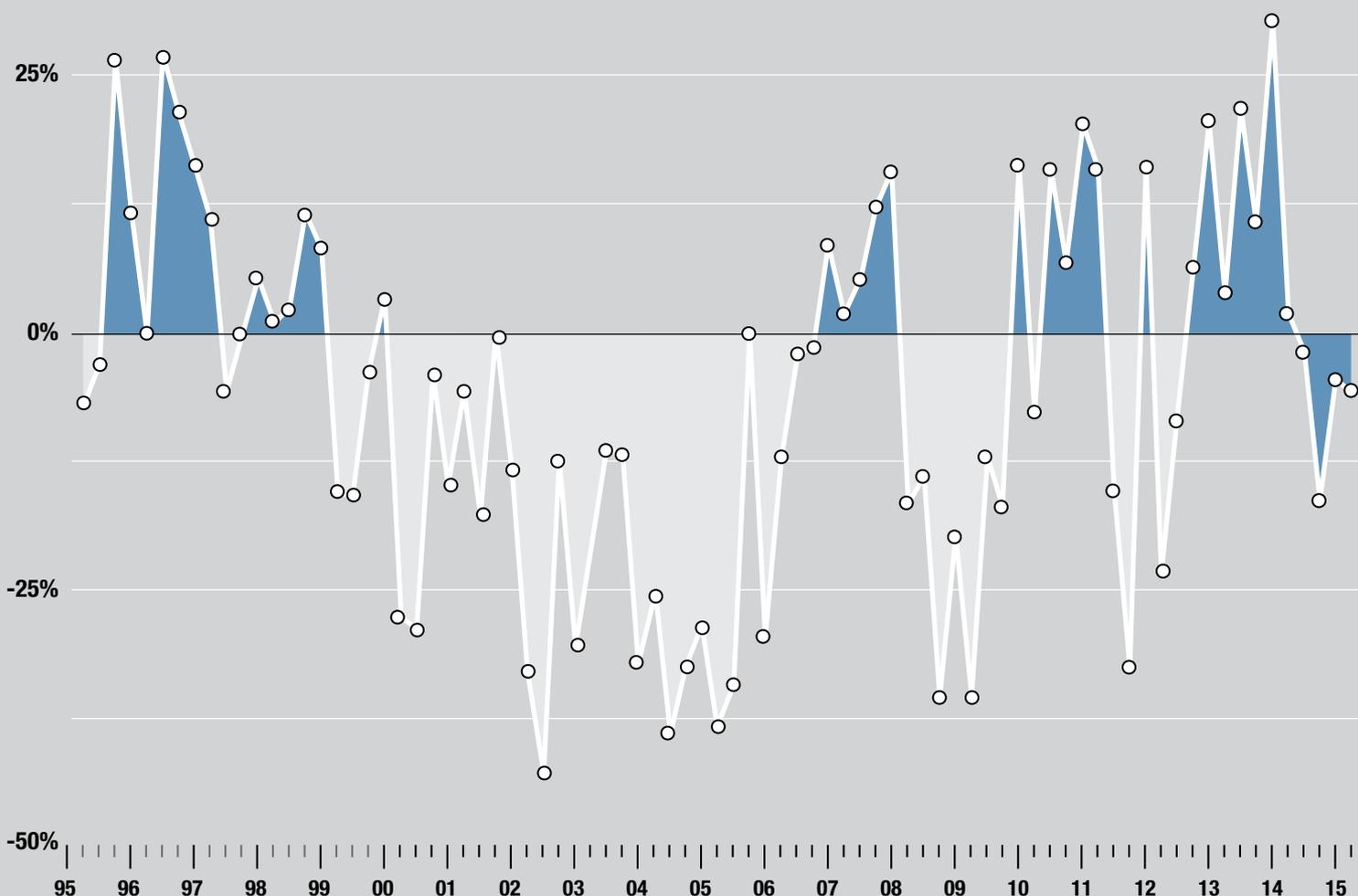
Apuramento dos resultados

Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas. As previsões relativas ao estado de negócios não apresentam relação clara com os critérios utilizados para segmentar as empresas (dimensão, vocação exportadora, peso da coleção própria nas vendas). No entanto, são, em geral, melhores para as classes extremas desses critérios do que para as intermédias: são, nomeadamente, melhores para as empresas sem coleção própria ou que vendem exclusivamente coleção própria do que entre as restantes.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

O indicador síntese de perspectivas empresariais mantém-se negativo, com um valor semelhante ao do trimestre anterior, refletindo as previsões pouco favoráveis quanto à evolução da produção e das encomendas.



Para o terceiro trimestre, as empresas esperam o aumento das limitações decorrentes da insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (de 46 para 52%) e nacionais (de 19% para 22%). Anteveem também um substancial aumento na frequência de outras dificuldades não especificadas (de 11% para 15%). Em contrapartida, esperam um abrandamento das dificuldades relacionadas

com a escassez de mão-de-obra qualificada (de 25% para 22%), do preço das matérias-primas (de 37% para 32%) e, sobretudo, com o abastecimento em matérias-primas (de 26% para 15%). A percentagem das que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade (20%) é ligeiramente inferior à das que disseram não as ter sentido no trimestre que terminou (22%).

Notas de Conjuntura

Na sua mais recente Síntese Económica de Conjuntura, relativa ao mês de junho, o Instituto Nacional de Estatística aponta sinais positivos quanto à evolução da situação na indústria portuguesa:

“O indicador de clima económico aumentou em junho, atingindo o máximo desde maio de 2008, na sequência da trajetória ascendente iniciada em janeiro de 2013. O indicador de atividade económica estabilizou em maio, após ter diminuído no mês anterior.

... Considerando apenas a secção das Indústrias Transformadoras, o índice de volume de negócios apresentou variações homólogas de 2,5% e 2,8% em abril e maio, respetivamente. ... O índice de produção na secção das Indústrias Transformadoras apresentou um crescimento homólogo de 1,9% em maio, mais 1,4 p.p. que no mês anterior.

O indicador de confiança da indústria transformadora aumentou de forma ténue em junho, mantendo o movimento ascendente observado desde março de 2012 e fixando o valor mais elevado desde abril de 2008. O saldo das opiniões dos empresários da indústria transformadora sobre a procura global, também disponível até junho, recuperou expressivamente nos últimos três meses, atingindo o máximo desde abril de 2008, na sequência da tendência crescente iniciada em janeiro de 2013. (...)

De acordo com os resultados preliminares do comércio internacional de bens, em termos nominais, as exportações desaceleraram ligeiramente em maio, passando de uma variação homóloga de 8,2% em abril para 8,0%. (...) As importações nominais de bens aumentaram 11,0% em termos homólogos em maio (variação de 7,7% em abril), atingindo a taxa máxima dos últimos quatro anos.”

Instituto Nacional de Estatística, Síntese Económica de Conjuntura – junho 2015

O Núcleo de Estudos sobre a Conjuntura da Economia Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa estima que, no segundo trimestre, o PIB português tenha acelerado ligeiramente:

“No 2º trimestre de 2015, a economia portuguesa terá crescido 0,7% em cadeia e 1,7% em termos homólogos, em ligeira aceleração face ao trimestre anterior (0,4% e 1,5%, respetivamente). Estes resultados, a verificarem-se, podem estar influenciados por fenómenos estatísticos pontuais, pelo que devem ser lidos com prudência. A economia portuguesa continua a sua trajetória de recuperação, e pode já estar a beneficiar de sinais mais consistentes de recuperação do investimento.

(...) Neste contexto, o NECEP revê em baixa ligeira a sua projeção anterior, para um crescimento do PIB de 2,1 % em 2015. (...) A previsão de crescimento do PIB em 2016 foi revista para 2,0%.

A economia portuguesa está agora num período com crescimento tendencial modesto mas positivo. Os sinais de recuperação cíclica são agora mais visíveis, embora ainda seja cedo para tirar conclusões definitivas até tendo em conta o ciclo eleitoral.”

NECEP/CEA Católica Lisbon, Folha Trimestral de Conjuntura – Sumário Executivo, 2º Trimestre de 2015

A Rede Europeia de Previsão, que reúne sete universidades europeias, está relativamente otimista quanto às perspetivas económicas para o continente:

“De acordo com as nossas previsões, o PIB da área euro irá crescer 1,6% em 2015 e 2,1% em 2016, há medida que os fatores negativos se tornam lentamente menos importantes. Tanto o consumo privado como o investimento irão expandir-se a bom ritmo e a taxa de desemprego irá diminuir embora permaneça acima de 10% no final de 2016. O principal risco é que a crise grega tenha um impacto mais negativo na confiança do que inicialmente esperado.”

European Forecasting Network, Economic Outlook for the Euro Area in 2015 and 2016, Summer 2015*

Em julho, o Fundo Monetário Internacional atualizou as suas previsões para a economia mundial:

“Estima-se que o crescimento global seja de 3,3 por cento em 2015, marginalmente mais baixo do que em 2014, com uma aceleração gradual nas economias avançadas e um abrandamento nos mercados emergentes e economias em desenvolvimento. Para 2016, espera-se que o crescimento aumente para 3,8 por cento. (...)

A recuperação económica na área euro parece seguir o seu curso, com uma recuperação geralmente robusta na procura interna e a inflação a começar a aumentar. As previsões de crescimento foram revistas em alta para muitas economias da área euro mas, na Grécia, é provável que os desenvolvimentos em curso tenham um impacto na atividade muito mais pesado por comparação com as expectativas anteriores.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook (WEO) Update, julho 2015

*Tradução nossa

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional